

## **A cidade e o rio: Quase crônica sobre uma cidade pantaneira**

*Antônio Firmino de Oliveira Neto<sup>1</sup>  
Carlos Martins<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Com base na revisão bibliográfica de textos científicos, crônicas, livros de memórias e documentos sobre Aquidauana e na experiência de mais de quinze anos de trabalhos conjuntos realizados por dois professores da UFMS sobre a cidade, este trabalho objetiva demonstrar a mudança provocada na cidade ao abandonar a margem esquerda do rio para postar-se nas proximidades da linha férrea, localizada na margem oposta rio. Existe ainda a preocupação de deixar o texto leve, simples, ou seja, quase uma crônica, que sirva de instrumento para novos trabalhos e de fonte de consultas para a juventude estudante das redes de ensino local.

**Palavras-chaves:** Aquidauana; Rio Aquidauana; Miranda; Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

### **THE CITY AND THE RIVER: ALMOST CHRONIC ABOUT A PANTANAL CITY**

#### **ABSTRACT**

Based on a bibliographic review of scientific texts, chronicles, memoirs and documents on Aquidauana and on the experience of more than fifteen years of joint work by two UFMS professors on the city, this work aims to demonstrate the change caused in the city when leaving the banks of the river to stand near the railway line, located on the opposite bank of the river. There is also a concern to make the text light, simple, that is, almost a chronicle, that serves as an instrument for new works and as a source of consultations for youth students from local education networks.

**Keywords:** Aquidauana; Rio Aquidauana; Miranda; Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia, professor do Mestrado em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da UFMS.

<sup>2</sup> Doutor em História, professor do Mestrado em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da UFMS.

## Apresentação

A alma do pantanal se alastra,  
O rio faz a última curva antes do milênio,  
As torres da igreja testemunham  
A indagação das araras e dos sagüis:  
O que foi que fizemos?

Alda Maria do Couto - *Pôr do sol no Rio Aquidauana*

Situada na principal passagem para a região sul de uma das maiores reservas ecológicas e ambientais do planeta e, por esse motivo, chamada carinhosamente pelos seus moradores e vendida pelas sucessivas gestões municipais de “Portal do Pantanal”, a cidade de Aquidauana é, antes de qualquer coisa, o lugar dos aquidauanenses. Aquele pedaço de chão no qual quem nele nasceu ou nele vive gosta de chamar de seu. O lugar onde a sua população conserva as expectativas de viver bem, com qualidade, com segurança, com maior oferta de empregos, com exercício pleno da cidadania, ou seja, conserva a expectativa de ser feliz. Jandira Trindade, proprietária da mais antiga casa comercial em atividade da vizinha Anastácio, escreveu no livro que faz crônicas com as suas memórias *“Aquidauanense sou, com muito orgulho, aqui é o meu lugar, minha casa onde sou feliz, vivendo sempre aqui, vi e acompanhei o seu crescimento...”* (2008, P. 34). Nesse sentido, Aquidauana, assim como praticamente todas as cidades, é geradora de esperanças ao mesmo tempo que produz frustrações, anseios e, conseqüentemente, constantes lutas para transformá-la e melhorá-la.

As notícias mais recuadas sobre o território onde hoje se localiza o município de Aquidauana remontam ao século XVI, quando a área do Pantanal situada a Leste do rio Paraguai, hoje pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul, conheceu as primeiras incursões espanholas, em 1599, com o traslado do legendário povoado de Santiago de Xerez, fundado originalmente em 1593, por Rui Diaz de Guzman, às margens do que é atualmente chamado Rio Ivinhema. Posteriormente, como rota de passagem das bandeiras e das monções que, saindo de São Paulo, se dirigiam às minas auríferas de Cuiabá, a região foi palco, a partir do século XVIII, do acirramento das disputas travadas entre colonizadores ibéricos pela posse da área que também envolveram os povos Guaicuru, Paiaguá, Kadweo, Terena, Kinikináo e Layana, entre outros.

No século XIX, a invasão paraguaia em territórios do Sul da então província de Mato Grosso, fato considerado determinante para a deflagração da Guerra da Tríplice Aliança (1864-

1870), constituiu-se num divisor de águas do processo de ocupação da área de fronteiras até então não claramente delimitadas. Com o fim do conflito com o Paraguai, inúmeros soldados imperiais brasileiros se estabeleceram na região, ocupando as terras existentes entre os rios Negro e Aquidauana. Acrescente-se a isso o fato de que a definitiva abertura da navegação pelo Rio Paraguai, em 1872, em pleno processo de expansão capitalista internacional, atraiu para região Sul de Mato Grosso não só novos capitais, mas também novos agentes sociais, em geral imigrantes europeus, dispostos a financiar as atividades econômicas locais, constituindo-se, em larga medida, em fator decisivo para o surgimento, em 1892, do povoado de Aquidauana.

Atualmente, com população estimada em 47.871 (IBGE 2019), distribuída por todo o seu imenso município de mais de 17 mil quilômetros quadrados, Aquidauana concentra cerca de 80% desse contingente populacional no seu distrito sede, onde forma uma conurbação de mais de 60 mil pessoas com Anastácio, de mesmas angústias e origem. Localizadas em margens opostas do rio Aquidauana, na porção centro-oeste do território sul-mato-grossense e com inúmeros problemas estruturais típicos das cidades interioranas brasileiras. Tanto quanto sua gêmea Anastácio, a cidade de Aquidauana apresenta baixa taxa de esgotamento sanitário adequado de apenas 28,2% (IBGE 2019), somente 15,3% das suas vias têm urbanização apropriada com meio-fio, calçada, bueiro e calçamento (IBGE 2019), além dos baixos índices socioeconômicos de escolaridade e oferta de empregos.

O IDH de 0,688 coloca Aquidauana na posição 35<sup>a</sup> de um total de 79 municípios de Mato Grosso do Sul e abaixo do IDH geral do estado que é 0,729 - 10<sup>a</sup> posição no *ranking* das unidades brasileiras (IBGE 2010), que aliado ao PIB per capita de apenas 19,3 mil reais posiciona a cidade na 65<sup>a</sup> posição no estado e 2382<sup>o</sup> lugar no Brasil (IBGE 2010). Esses dados demonstram o nível de estagnação do município, proveniente da base econômica assentada na pecuária bovina extensiva de baixa incorporação tecnológica e pouquíssima utilização de força de trabalho, típica das criações praticadas no pantanal.

A realidade imposta pela tradição da pecuária pantaneira vai muito além daquela expressa em números e índices sociais. Ela apresenta seu lado mais cruel no processo de ocupação do território pantaneiro pela população branca, que escravizou e dizimou as populações indígenas originárias, extinguiu inúmeras etnias e jogou os grupos remanescentes em constantes ataques racistas, denominando-os de “bugres”. Os povos da região, que representam uma das maiores populações indígenas do Brasil, sofrem imposições das precárias condições de vida, sujeitos aos constantes desafios na luta por garantir os territórios demarcados e ampliá-los. A tradição econômica pantaneira se cristaliza ainda na histórica evasão dos jovens

aquidauanenses que procuram centros maiores em busca de mais oportunidades de emprego, repercutindo nos índices de decréscimo populacional em algumas das últimas cinco décadas. Essa tradição se cristaliza também na constante falta de recursos para investimentos públicos em saúde, educação e infraestrutura, apesar da posição de centro regional adquirida com um hospital regional, campus de três universidades públicas e diversos órgãos das administrações estadual e federal.

Mas não é apenas de fatores negativos que se pode caracterizar uma cidade. Muitos são os elementos sociais, históricos, culturais, étnicos, identitários, arquitetônicos, etc., a serem utilizados para distinguir uma cidade e a sociedade que nela habita. Isso pode e deve ser feito para ajudar a entender a realidade de Aquidauana no atual contexto histórico e geográfico. Uma cidade prestes a alcançar os 130 anos desde a fundação e que tinha sua ligação com o mundo feita inicialmente pelo rio que lhe empresta o nome.

Ao longo do século XX, o desenvolvimento geral das tecnologias, a difusão, em âmbito planetário, das novas técnicas de comunicação e transporte e a falta de política dos sucessivos governos federais para aproveitamento da imensa rede hidrográfica navegável existente no território brasileiro, promoveu inúmeras mudanças na configuração urbana e sociocultural de Aquidauana. A chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), em 1912, impôs a paulatina substituição do rio como principal via de circulação de mercadorias e ideias. Os trilhos impulsionaram o desenvolvimento de Aquidauana, a ponto de ser considerada, durante alguns anos, como a cidade mais desenvolvida do sul de Mato Grosso, acolhendo, em razão do mercado de trabalho que se abriu, pessoas que vinham das mais diversas partes do Brasil e do mundo. Tal dinâmica sofreu um primeiro choque em 1917, quando as oficinas da NOB foram transferidas para Três Lagoas. Aos poucos, a própria ferrovia seria substituída pela autoestrada.

No que se refere aos meios de comunicação, o telégrafo, visto como um corolário do trem, enquanto símbolo do progresso material e da técnica no início do século XX, foi instalado em Aquidauana em 1903, elevando a cidade à condição de sede do 2º Distrito Telegráfico de Mato Grosso, em seguida daquele existente na capital Cuiabá. Pouco a pouco o telégrafo foi substituído pelo telefone, pelo rádio, pelas antenas parabólicas e, atualmente, pela internet, o que permite à população local interagir, em tempo real, com o restante da humanidade.

Nesse panorama é que este texto se apresenta num misto de revisão bibliográfica e apontamentos das experiências de dois professores universitários dedicados aos estudos geográficos e historiográficos, aproveitando das suas observações sobre a cidade, seu povo e sua história, nos mais de quinze anos de trabalhos conjuntos, boa parte deles na Base de

Pesquisas Históricas e Culturais das Bacias dos Rios Aquidauana e Miranda – BPRAM (Unidade do Campus de Aquidauana da UFMS). Dessa forma, a intenção foi a de criar uma escrita leve, simples, que, baseada em textos científicos, crônicas, livros de memória e documentos, demonstre além da mudança provocada na cidade ao abandonar a margem esquerda do rio para postar-se na margem oposta, nas proximidades da linha férrea, também a indiferença e o esquecimento em relação a seus povos originários Terena e Kinikináo. Espera-se que ele possa, ao mesmo tempo, servir como instrumento para novos trabalhos e como fonte de consultas para a juventude estudante das redes de ensino local.

*Escapar das armadilhas das águas, mas sem do rio se distanciar.*

Antes que o rio se espante,  
O milênio surgirá na curva mais fechada,  
Porque sempre esteve ali,  
Assoprando para o pantanal segredos e promessas  
Qual é a parte que nos cabe dessa água profunda?  
Alda Maria do Couto - *Pôr do sol no Rio Aquidauana*

Aquidauana é uma das mais antigas cidades do jovem estado de Mato Grosso do Sul. Ela se diferencia da maioria das cidades do estado por ter surgido da vontade e das necessidades de alguns fazendeiros do pantanal de Miranda, dispostos a fundar um núcleo urbano no mais extremo ponto navegável à montante do rio que lhe deu o nome. A historiadora Joana Neves (2007) escreveu que no final do século XIX, a área circunvizinha à vila de Miranda era pouco densa de população “branca” ou “civilizada”, muito dispersa e distribuída pelas sedes das fazendas, de modo que “*as longas distâncias, as dificuldades de comunicação e de transportes, agravadas pelo fenômeno das inundações, faziam com que a principal característica demográfica da área fosse o isolamento dos grupos humanos.*” (p. 80). Para a autora, a fundação de Aquidauana, partiu da ação dos fazendeiros mirandenses para amenizar essa situação. Ela afirma que:

É nesse quadro geral em que uma população numericamente inexpressiva, dispersa, guardando entre si uma situação de profundo isolamento, buscando formas de se agregar e de se articular para promover a solução dos problemas que dificultavam as suas existências, que surgiu Aquidauana” (NEVES, 2007, p. 81).

As cheias pantaneiras anualmente atrapalhavam o comércio, a produção pecuária e agrícola, o fornecimento de víveres e fazia como se toda a vida econômica da região de Miranda ficasse suspensa por boa parte do ano. O poeta Manoel de Barros escreveu que “*no pantanal ninguém passa a régua. Sobretudo quando chove. A régua é existidura de limite. E o pantanal*

*não tem limites.*”(BARROS, 2003, p. 27). No afã de resolver os problemas provocados pelo ciclo das águas, onde *“tudo se submete aos caprichos da natureza, impondo-lhes ou retirando-lhes os limites”* (OLIVEIRA NETO, 2012, p. 6), um grupo de fazendeiros mirandenses, chamado por Joana Neves de *“argonautas fora de época”*, com suas pequenas e rústicas embarcações, remou contra a corrente em busca de um ancoradouro seguro, livre das inundações sazonais do Pantanal. Ainda segundo a autora,

Era preciso escapar da armadilha das águas. Mas era preciso, também, não se distanciar daquelas que levavam homens e mercadorias aos portos por meio dos quais o mundo, a civilização, os recursos, tudo enfim, de que a vida necessita permaneciam ao alcance. Aquela parte da população pantaneira demandava um ancoradouro. Era preciso encontrar o ponto em que a navegação encontrava a terra firme... e seca.” (NEVES, 2007, P. 19)

No dia 15 de agosto de 1892, conforme consta na ata de fundação e no imaginário da população Aquidauanense, foi sobre as sombras de um pé de buriti, na margem direita do rio Aquidauana, num ponto qualquer a alguns poucos quilômetros, rio abaixo, da corredeira existente aos pés do Morro do Chapéu, o grupo de argonautas referidos por Joana Neves se reuniu e, sob a invocação de Nossa senhora da Imaculada Conceição, traçou o futuro do lugar e fundou o povoado do Alto Aquidauana. A existência da cachoeira foi elemento determinante na escolha do local para construção das casas dos primeiros moradores, pois ela *“constituía um sério obstáculo ao acesso das embarcações ao posto destinado ao povoado”* (ACTA DA FUNDAÇÃO) e foi, também motivo para a designação de *“uma comissão para fazer um reconhecimento até a Cachoeira, e opinar sobre se de facto existia tal obstáculo”* (Idem), incumbência atribuída aos cidadãos Theodoro Rondon e Felipe Pereira Mendes, devido à limitação da canoa para apenas duas pessoas, que:

Imediatamente se dirigirão àquela Cachoeira que, examinada e sondada, acharão que o que há não é um obstáculo, apenas dificulta a navegação n’aquele ponto enquanto não se possa abaixar ou antes alargar o canal obstruído então por algumas pedras. Dado este parecer pela referida comissão e sendo por todos os presentes bem acolhido os Senrs. Augusto Mascarenhas, Estevão Alves Correa e João de Almeida Castro se encarregarão de escolher o local para o início das construções entre o Corrego João Dias e Guanandy que limitão o povoado, e depois de percorrerem a Costa do rio opinão que o local deve ser o mesmo em que se faz esta reunião pelas escelentes condições do terreno e principalmente dos portos quer nesta ou na outra margem do rio. (ACTA DA FUNDAÇÃO)

O registro em ata daquele simbólico momento, no qual se reuniram trinta e oito fazendeiros, por si só, dá a dimensão e a importância do ato e preconiza a determinação, a

organização e o planejamento daqueles voluntariosos fazendeiros, convidados por Theodoro Rondon para “*assentar as bases da fundação do povoado em projecto para cujo fim fora por ele feita a aquisição do terreno por compra do cidadão João Dias Cordeiro*” (ACTA DA FUNDAÇÃO). A fundação do novo núcleo populacional urbano, em local previamente escolhido e com critérios bem definidos, representou, segundo Joana Neves, “*expressiva forma de agregação populacional*” (p. 81).

Talvez, jamais passasse pelas aspirações ou mesmo intenções daquele impetuoso grupo de senhores a forma rápida de como se daria o desenvolvimento do pequeno povoado e a importância histórica, econômica e administrativa que a futura cidade viria a representar para o estado de Mato Grosso. Em decorrência da sua localização privilegiada, muitos foram os benefícios capitalizados pelo vilarejo, desde os seus primeiros momentos. O geógrafo Paulo Jóia ressaltou a posição de entreposto comercial rapidamente alcançado pela jovem povoação:

Na margem esquerda do rio Aquidauana, a ocupação foi mais efetiva nos primórdios do povoamento, já que ali estaria o ponto de comercialização, com o embarque e o desembarque de gado e de outras mercadorias para o suprimento dos moradores da região. Aquidauana possuía 03 filiais de casas comerciais sediadas em Corumbá, na segunda metade do século XIX. O porto local atendia os habitantes da região que se estendia até a franja da Serra de Maracaju (incluindo o povoamento inicial de Campo Grande). (JÓIA, 2005, p. 35)

Divisor de águas do processo de ocupação da porção sul de Mato Grosso, a Guerra da Tríplice Aliança, no seu final, trouxe para a região profundas mudanças resultantes da penetração de modernos mecanismos impostos pelo sistema capitalista em nível global. Superadas as dificuldades advindas da guerra, iniciou-se a reorganização dos núcleos urbanos devastados. Ao mesmo tempo, a reabertura da navegação pelo Rio Paraguai viabilizou a atração de Mato Grosso para a órbita de interesses do capital estrangeiro e cidades como Buenos Aires, Montevideu e outros centros portuários platinos transformaram-se em polos de concentração de intensa atividade comercial vinculada ao capital financeiro, irradiando, por meio da navegação fluvial, sua influência sobre toda a região mato-grossense (CORRÊA, 1985, p. 33). Tal processo esteve intimamente articulado às casas comerciais vinculadas aos grandes comerciantes dos portos. Sobre isso Gilberto Luiz Alves escreveu:

Ao contrário do mercador que prevaleceu na região, da fase mineradora até meados do século XIX, o grande comerciante produzido pela revolução industrial não exerceria seu poder, exclusivamente, a partir do armazém. Desvinculados da ligação imediata com seu empreendimento, legando suas antigas responsabilidades a inúmeros funcionários especializados, o que levaria a nova casa comercial a assumir grandes dimensões físicas a fim de abrigar escritórios e dependências para os diversos serviços prestados, após

a guerra com o Paraguai os comerciantes dos portos tornaram-se os responsáveis diretos pelos contatos com Assunção, Buenos Aires, Montevideú, Rio de Janeiro e os principais centros comerciais europeus (ALVES, 1985, pp. 60 e 62).

O lapso de tempo que se estendeu entre as três últimas décadas do século XIX e as três primeiras décadas do século XX correspondeu à época de apogeu e lenta desestruturação do poderio das casas comerciais dos portos, instaladas em todas as principais cidades ribeirinhas de Mato Grosso. No auge de seu funcionamento, as casas comerciais estiveram na vanguarda da vida política e econômica do estado, financiando a ocupação de terras, a produção e a exploração de novas atividades econômicas, ou a expansão das existentes (ALVES, 1985, p. 63).

Uma ilustração do funcionamento desses estabelecimentos, no período de seu apogeu, aparece nos “anúncios” publicados no *Álbum Graphico do Estado de Matto Grosso*, obra editada na cidade alemã de Hamburgo, em 1914, sob a coordenação dos comerciantes corumbaenses S. Cardoso Ayala e Feliciano Simon, como resultado dos esforços de comerciantes mato-grossenses para divulgar as potencialidades econômicas do estado (AYALA & SIMON, 1914).

Tais “anúncios” indicam que, na virada do século XIX para o século XX, as casas comerciais eram elementos de concentração do capital, exercendo o controle absoluto do comércio de importação, de boa parte do comércio de exportação e da navegação fluvial. Paralelamente, dispunham de “seções bancárias” que, além de realizarem operações próprias, funcionavam como intermediárias de bancos nacionais e estrangeiros; representavam companhias seguradoras; incorporavam indústrias e se apropriavam de terras para exploração da pecuária, da agricultura e da extração de produtos vegetais e minerais. Tudo isso conferiu àqueles novos empreendedores um perfil essencialmente cosmopolita, por meio do qual acabariam por expressar uma concepção universalista a respeito do mundo e dos homens, corporificado nas práticas de ordenamento urbano e nas inspirações arquitetônicas dos edifícios das principais cidades ribeirinhas mato-grossenses, cujas esferas da vida política e econômica estiveram sob o domínio dessa vigorosa burguesia portuária.

Oriunda da matriz de mesmo nome instalada em Nioaque desde 1905, a Casa Candia de Aquidauana, fundada em 1908 em plena euforia pela perspectiva da chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, dedicava-se à “importação em geral” e à “exportação de produtos do paiz”, a exemplo de “couros vacuns”, crina, borracha, painas e penas de garças (AYALA & SIMON, 1914). Desde seus primeiros momentos, ela esteve intimamente vinculada ao comércio platino, trazendo de Corumbá, em pequenas embarcações, como a lancha Ligúria



de propriedade do comerciante Vicente Anastácio, as mais variadas mercadorias de países da América do Sul e da Europa, fato indicativo das interconexões estabelecidas com um espectro econômico, social e cultural que extrapolava o âmbito exclusivamente regional.

Da análise da vasta documentação preservada pela atual proprietária Jandira Trindade, foi possível observar que, além das atividades comerciais, a Casa Cândia também atuava como representante, em toda a região, de corporações financeiras como o City Bank dos Estados Unidos e de sociedades ou grupos de pecúlio como a sociedade “A Bonificadora”, de Barbacena, Minas Gerais. Operava ainda como representante imobiliária, mantinha interessante e peculiar relação de crédito com clientes individuais e com outras casas comerciais dentro e fora de Mato Grosso, além de prestar serviços como botica, farmácia e joalheria, entre outros.

De fato, como apontou Gilberto Luiz Alves, o poder político, econômico ou social da casa comercial mato-grossense não advinha somente do fato de ela monopolizar, por um determinado período, as empresas de navegação ou o comércio de importação e exportação. Para esse autor, desde que adquiriram, no final do século XIX e início do século XX, a responsabilidade de também atuarem como casas bancárias, representando bancos nacionais e internacionais, as casas comerciais geraram sua “principal fonte de poder”, materializada pela prática do crédito. Nos discursos de empresários da época é possível detectar, como bem observou Alves, a presença das transações de crédito permeando e entrelaçando as relações sociais, uma vez que a efetivação de qualquer transação desse tipo dependia diretamente das relações sociais existentes entre as partes contratantes, o que fica explícito na fala do usineiro Joaquim Augusto da Costa Marques, ao declarar que “se acaso o lavrador necessitasse de algum capital teria que recorrer à generosidade de algum comerciante” (ALVES, 1984, pp. 39-40).

Se diversos estudiosos evidenciam a relevância das casas comerciais para a história da ocupação da região Sul do antigo estado de Mato Grosso (CORRÊA, 1985; BORGES, 1991; CORRÊA, 1999; QUEIROZ, 2004; REYNALDO, 2004), não seria demais mencionar que a presença, inicialmente em Nioaque, de estabelecimentos comerciais como a Casa Vicente Anastácio e a Casa Cândia é apontada, por alguns analistas locais, como um dos mais importantes motivos impulsionadores da fundação da cidade de Aquidauana, em 1892 (NANTES, 1993; MARTINS JUNIOR, 1998; NEVES, 2007). Isso porque tais estabelecimentos acabaram por se transformar em elementos fundamentais para a resolução de inúmeros problemas cotidianos das necessidades de cartório, igreja e abastecimento das propriedades dos fazendeiros que viviam abaixo da Serra de Maracaju e no Pantanal.

Disso resultaria a fundação, em local mais central e de fácil acesso a todos, da vila de Aquidauana, que rapidamente substituiria Miranda na condição de ponto terminal da navegação irradiada de Corumbá. Noutros termos, a fundação da vila de Aquidauana, e a posterior instalação de casas de comércio no local, teria feito com que a região se vinculasse às intensas relações comerciais que se processavam na Bacia Platina à época, passando, aos poucos, a desempenhar importante papel de entreposto comercial no extremo sul de Mato Grosso. Tamanha seria a importância comercial de Aquidauana, que a cidade passou a abastecer a então vila de Campo Grande com os gêneros que vinham de Corumbá por via fluvial. Paralelamente, por meio das vias terrestres a cidade se tornaria o empório comercial de grande parte do leste do Estado (QUEIROZ, 2004).

Fundada apenas dezesseis anos depois do surgimento do povoado de Aquidauana, a casa Cândia resiste ainda hoje como testemunho do apogeu alcançado pelas casas comerciais do jovem vilarejo. A atual proprietária Jandira Trindade escreveu nas suas memórias um interessante diálogo com a centenária loja:

Financeiras... Monetárias... Conhecia gente de toda a redondeza, todos os tipos de transportes, e além disso, todos os tipos de moedas: contos de réis, cruzeiros, cruzados... você sempre ia dirigindo a tudo isso e sobrevivendo a tudo. Seu prédio imponente está plantado onde outrora era o centro comercial da região, hoje, com a chegada dos mercados modernos, continuamos no mesmo sistema que é a tradição para nós: pacotes bem feitos, sem faltar nada. Quanto tempo e que 'lições' você me deu 'CASA CÂNDIA'. (TRINDADE, 2008, p. 8)

De fato, ainda hoje em funcionamento, conservando boa parte da mobília original e um acervo documental de enorme valor histórico, a Casa Cândia pode ser considerada uma remanescente viva das antigas casas comerciais dos portos mato-grossenses. Suas instalações, em bom estado de conservação, foram arroladas pela 18ª Superintendência Regional do IPHAN, juntamente com outros nove edifícios que compõem o sítio histórico do Casario do Porto Geral de Anastácio, como patrimônio histórico municipal, constituindo-se numa referência arquitetônica da cidade e da região. Referindo-se ao cenário em que está inserida e aos objetos vinculados à Casa Cândia, Jandira Trindade expressou:

Construir, antigamente, era para sempre. Assim nasceram na margem esquerda do rio construções que até hoje desafiam a tudo e a todos. Prédios bem feitos, que apesar do tempo e da pouca conservação trazem de volta um tempo passado [...]. Paredes sólidas, feitas de pedra, com espessura de meio metro, sua fachada super decorada desenhada por um pedreiro artista, que além dos detalhes que são muitos, é completada com uma espécie de brasão onde estão entrelaçadas as iniciais da firma que começou naquele longínquo

2 de fevereiro de 1908 os trabalhos da firma comercial. Está no mesmo lugar, plantada na travessa Ragalzi, centro comercial da cidade daqueles idos tempos, hoje Anastácio. Seu piso é de ladrilhos trazidos de Corumbá, pela lancha Ligúria, e apesar do tempo, eles estão em forma, assim como as prateleiras e o balcão, a pequena vitrine, tudo conservado da melhor forma. A escritaninha, onde na certa foram redigidos tantos documentos, tem tantas histórias a contar. O forro também, com seu madeiramento de puro cedro, que apesar do tempo e dos cupins está como novo. As telhas francesas ainda são as mesmas da época e dando conta do recado, sem ter goteiras. O cofre enorme à prova de fogo, feito pela Lucardelli, fabricado na Rua Oriente, em São Paulo, ainda funciona com segredo e tudo. Seus enormes armários, que serviram de arquivos, só causam admiração a todos que aqui vivem. O que faz mais sucesso são os livros de contabilidade, pois neles está escrita toda a história da nossa região [...] Assim é a história do prédio da Casa Cândia e seus pertences, que nasceu para servir de casa comercial e que, nesses 90 anos de existência, apesar das crises e dificuldades, está ainda em pé, sem rachaduras, firme, com as portas abertas à espera de fregueses. Velho ancião que carrega tantas histórias e tantos segredos sem denunciar ninguém. (CABRAL; CABRAL & ÂNGELO, 2003, pp. 35-36).

Transformada pela memória em patrimônio histórico e cultural de Mato Grosso do Sul, a Casa Cândia se constitui em símbolo passível de desconstrução ou interpretação para que seja possível a apreensão de seu significado (CAMARGO, 2002, p. 96). Por outro lado, sujeita à musealização, mais que um lugar evocativo e de celebração de uma memória, a Casa Cândia pode e deve se constituir em espaço de problematização da memória, ou seja, num instrumento para a interpretação das transformações culturais de uma sociedade, daí a necessidade de sua preservação ou conservação e de tantos outros elementos patrimoniais.

### ***O sussurrar do remanso foi substituído pelo apito do trem.***

A primavera exhibe o gesto permanente do sol,  
Iluminando a curva do rio,  
A velho milênio ainda escoo e o pantanal ainda guarda  
Promessas e segredos mais velhos que a ponte  
Muito mais sábios que nós.

Alda Maria do Couto - *Pôr do sol no Rio Aquidauana*

Na segunda década do século XX, Aquidauana tornou-se uma das cidades a compor o trajeto da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB que, partindo da cidade de Bauru, no interior do estado vizinho de São Paulo, alcançava a fronteira oeste do Brasil. Fernando de Azevedo considerou a NOB como uma estrada bandeirante, “*cuja função econômica e colonizadora não tardou a transbordar os quadros das regiões atravessadas.*” (AZEVEDO,

s/d, p. 75). A ferrovia poderia ser encarada também como aquilo que o autor, num rasgo de ufanismo, considerou como lógica de superação de mais uma das inúmeras dificuldades que se opunham “à execução de um plano que se destinasse a englobar as principais regiões do imenso território na esfera de influência da civilização” (p. 34). O destino final da ferrovia, na cidade de Corumbá, demonstra a preocupação do governo brasileiro em ocupar a vasta região que, dominada pelos paraguaios durante a Guerra da Tríplice Aliança, após 4 décadas, continuava “vazia” e sob influência econômica dos países platinos.

No decorrer do século XX, Aquidauana passou a sediar o 9º Batalhão de Engenharia de Combate do Exército, assim como as delegacias regionais dos principais órgãos da administração governamental do imenso Mato Grosso. Por causa da grande extensão territorial, os sucessivos governos do Estado de Mato Grosso, ainda unificado, *‘foram dando a Aquidauana as condições para torná-la um centro regional’* (OLIVEIRA NETO & CARVALHO, 2010, p. 199) e instalaram as delegacias regionais estaduais de Saúde, Educação, Arrecadação, Segurança, etc. Esses aparelhos estatais contribuíram para que *“Posteriormente, com a instalação de lojas das principais redes nacionais de comércio e de bancos, a centralidade de Aquidauana foi assumindo, também, características econômicas e viárias.”* (Idem) e transformou Aquidauana em importante polo regional. Posição que ocasionou o surgimento e manutenção, por muitos anos, do carinhoso apelido de Princesinha do Sul. E ainda:

Essas características foram importantes inclusive para que, na década de 1970, o governador do Estado fosse um legítimo representante da elite política aquidauanense. Esse representante tornou-se, na década de 1980, presidente do Senado Federal e assumiu, por alguns dias, a Presidência da República. (OLIVEIRA NETO & CARVALHO, 2010, p. 199)

A criação do Estado de Mato Grosso do Sul e a definição de Campo Grande como capital, localizada bem no centro de um território muito menor e com distância de apenas 130 quilômetros de Aquidauana, retirou da cidade parte da estrutura administrativa estadual. Mas isso não foi suficiente para diminuir-lhe a importância regional. Apesar da nova realidade, Aquidauana continuou centralizando as ofertas dos serviços públicos de saúde e de educação superior, culminando, nos dias atuais, com os hospitais Regional, Funrural e Cassems, campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e do Instituto Federal Mato Grosso do Sul, além de polo de educação a distância de uma universidade particular. Essa centralidade faz circular muitos habitantes das cidades vizinhas, proporcionando não apenas a permanência das filiais das principais redes comerciais da região

e do Brasil, a exemplo da Gazin, Ponto Frio, Magazine Luiza, Casas Pernambucanas, Lojas Americanas, Casas Bahia, Sertão, dentre outras, assim como a abertura de novos empreendimentos locais, inclusive de um pequeno shopping e um atacadista.

Mas, a chegada, na segunda década do século XX, daquilo que era entendido como progresso ou desenvolvimento, representado pelo moderno sistema de comunicação e transportes, em que “*O mais procurado era o revisteiro por causa do jornal, que apesar de dois dias de atraso, era o que trazia as novidades e notícias lá do mundo.*” (TRINDADE, 2008, p. 27), teve consequências inexoravelmente cravadas na paisagem urbana e no cotidiano da população aquidauanense. A inauguração da ferrovia e o movimento diário de partidas e chegadas dos trens fez que, no passar dos anos, a cidade atravessasse o rio da margem esquerda para a margem direita, se afastasse dele e fosse acomodando-se caprichosamente no entorno da estação ferroviária, ansiosa por receber as novidades advindas do leste em pleno processo de industrialização, como frisou Joana Neves:

Essas realizações em termos de comunicação com São Paulo, representaram para Aquidauana uma certa mudança, não de papel, mas de sentido das articulações: o povoado, em vias de se tornar sede de município, se voltou cada vez mais para as ligações com o leste, via Campo Grande, em detrimento da ligação fluvial com Corumbá. Essa tendência se acentuou até se tornar absolutamente predominante com a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil. (NEVES, 2007, p. 124)

Porventura pela superação de uma forma de transporte lenta, custosa e sujeita ao ciclo das águas, por outra mais rápida, barata e moderna, ou simplesmente por desleixo, por esquecimento ou por ingratidão, o fato é que Aquidauana virou as costas para o mais importante elemento geográfico que lhe caracterizava. O elemento que foi a razão da sua existência, do seu abastecimento por décadas e que lhe inspirou o nome: o Rio Aquidauana.

Visconde de Taunay, engenheiro militar, escritor e um dos remanescentes do episódio que ficou conhecido nos anais da história do Brasil e da região como “A Retirada da Laguna”, atualmente empresta o nome para o principal distrito do município de Aquidauana, acolhedor de sete aldeias indígenas. Em 1867, portanto quinze anos antes do ato visionário dos intrépidos fazendeiros fundadores da cidade, Taunay chegou às redondezas da mesma corredeira do mesmo rio, no local denominado de Porto Canuto, e registrou em suas memórias que “*Estava terminada com honra a retirada da Laguna!*” e, ao tomar banho no rio Aquidauana, completou:

Que prazer o primeiro banho de corpo inteiro tomado naquelas cristalinas águas, após tantas semanas de sujidade e miséria! Que ablução deliciosa e purificadora! Quando hoje me reporto àqueles momentos, como que experimento ainda o gozo infindo que senti, ao entrar em rio tão claro e

formoso, rodeado das cenas alegres e pujantes de rejuvenescimento geral!”  
(TAUNAY, 2005, p. 340)

Tal qual faz a corrente das águas que descem as escarpas da serra de Maracaju, cortando as rochas, esquivando-se das dificuldades do relevo e dando o aspecto sinuoso ao leito do rio Aquidauana, a sociedade Aquidauanense foi esquivando-se de alguns aspectos da sua realidade e da sua história, ocultando-os ou simplesmente ignorando-os. O rio que já foi transposto pela balsa de carretilha, pela ponte de arame, pela ponte velha<sup>3</sup>, pela ferrovia com a ponte de ferro inglesa, ou pela moderna ponte de concreto armado, aos poucos foi sendo substituído pelo trem como principal ponto de chegada e partida de pessoas, mercadorias e ideias. Sobre as mudanças provocadas com chegada da ferrovia, Paulo Jóia escreveu:

O mercado local deu um salto considerável, o município exercendo uma função comercial e de prestação de serviços e também de agente de intercâmbio cultural com relação aos municípios vizinhos, acabou por provocar a urgente necessidade de instalação de equipamentos básicos de manutenção, seja através da construção de novas residências para os ferroviários e criação de serviços de assistência médico – hospitalar, assim como igrejas, áreas de lazer e os primeiros loteamentos. A cidade cresceu consideravelmente na margem direita do rio, onde se localizava a estação ferroviária. O fluxo migratório regional foi sem dúvida mais importante que o proveniente do nordeste e de outros estados para o aumento da população local. (JÓIA, 2005, p. 37)

Com o tempo, o rio transformou-se simplesmente no perigo iminente das cheias que, eventualmente, surpreendem as camadas mais carentes da população, teimosa em buscar a proximidade com a importante fonte de alimento, de renda e, principalmente, de identidade. Ao rio Aquidauana a cidade homônima deu as costas! Escondeu as suas margens! Impede, por meio das construções, que ele seja utilizado e admirado pelos seus moradores ou pelos visitantes, assim como foi aproveitado por Taunay, ao banhar-se nas suas águas. Atualmente só é possível observá-lo das pontes, quase que querendo demonstrar a supremacia do homem sobre a natureza.

---

<sup>3</sup> Trata-se da ponte Roldão de Oliveira ou Ponte Velha, cuja finalização, em 1926, ou seja, 14 anos após a chegada da Ferrovia Noroeste do Brasil à cidade, coroou os desafios impostos à sociedade aquidauanense ao longo de mais de uma década para suplantá-lo. Registros da árdua batalha travada pela sociedade local para financiar a sua construção, bem como dos intensos debates travados pelos engenheiros a respeito do projeto da construção das colunas de sustentação da ponte metálica, construídas em arenito Aquidauana, de modo que não fossem arrastadas pela força da correnteza em períodos de cheias, podem ser encontrados nas Atas da Câmara Municipal de Aquidauana e outros documentos sob a guarda do Centro de Documentação Histórica (CDHis), do curso de História do Campus de Aquidauana, anteriormente um dos laboratórios que compunham a Base Pesquisas Históricas e Culturais das Bacias dos Rios Aquidauana e Miranda (BPRAM), Unidade Técnica voltada para estudos interdisciplinares, do qual os dois autores deste texto são uns dos fundadores. A BPRAM foi desativada em 2019 pela administração da UFMS, sob a justificativa de falta de verbas.

Mas, o transcurso do rio para o trilho deixou marcas indeléveis na paisagem urbana de Aquidauana. As lajotas do centro da cidade, que muitos insistem em chamar de paralelepípedos, a beleza neogótica da igreja matriz e a diversidade arquitetônica de alguns casarões e prédios comerciais em estilos *Art déco*, *Art nouveau* ou neoclássicos, servem como testemunho da outrora pujante economia baseada no rebanho bovino e nas fazendas de tamanho quase infinito. Hotéis construídos no entorno da estação ferroviária, a vila dos ferroviários e o estádio de futebol Noroeste são marcas testemunhais da pujança provocada, pela chegada do trem, na economia do lugar. O apito do trem e o roncar das locomotivas passaram a embalar e a ditar novo ritmo à cidade:

Os trens desempenhavam outras funções além dessa de transportar passageiros e suas bagagens. O ritmo da cidade era determinado pelo movimento dos trens. Sobretudo para os mais antigos, a vida era embalada pelo apito do trem ou pelo ronco da locomotiva. (VARGAS, RIBEIRO, ARAÚJO, 2010, p. 239).

Mesmo sem reconhecer, na beleza cênica da paisagem, a potencialidade econômica para o futuro do lugarejo, os fazendeiros do final do século XIX deixaram para as gerações futuras mais esse legado. A cidade de Aquidauana está localizada em uma das mais belas visões paisagísticas que os olhos humanos podem vislumbrar. As bordas da Serra de Maracaju e o *Canyon* do rio Aquidauana desnudam a terra e afloram as rochas, revelando a cor avermelhada do arenito, dando ao lugar a sua personalidade.

Vistos de longe, os morros são uma grande muralha azul. Quando o sol se põe à sua frente, a murraria se ilumina. As pedras se tornam brasa viva e a muralha se incendia. As pedras incandescentes parecem reafirmar que ali há mistérios e histórias para contar. (NANTES, 1993, p. 9)

E, se a cor vermelha do arenito amolda e certifica a identidade aquidauanense, ela igualmente se mistura e se confunde com a cor da sua gente, fruto da miscigenação dos brancos tardios com os originários Terena e Kinikináo, habitantes desde o longínquo século XVIII, conforme constatado pela historiadora Vera Vargas.

...a presença dos Chané-Guaná, entre os quais os Terena, na margem oriental do Rio Paraguai, durante a segunda metade do século XVIII, e durante o século XIX, estava vinculada a uma série de fatores... Os índios tendo se transferido para a outra margem do Rio Paraguai, já em território brasileiro estabeleceram-se no então sul do Mato Grosso, próximo aos rios Miranda e Aquidauana. (VARGAS, 2003, p. 47)

Por outro lado, isso faz lembrar que não é somente do rio que Aquidauana buscou se esquivar. O mesmo aconteceu com a sua população original, aquela que primeiro povoou a região, muito antes dos espanhóis por aqui fundarem, por duas vezes, a emblemática Santiago

de Xerez “nas beiras do Mbotetei, algum povoado de cristãos com a ajuda de índios que, aparentemente de bom grado, se deixassem batizar” (ESSELIN, 2010, p. 30). Importante lembrar que o povo Terena, embora originário do *Chaco* paraguaio, foi fundamental para a ocupação e garantia desta parte do território brasileiro, pois era conhecedor do território e das formas de convívio com a natureza, “agreste e misteriosa para o branco”, segundo Joana Neves. Vera Vargas, citando Taunay, relatou:

Em suas obras referentes à Guerra contra o Paraguai (1865-1870), esse cronista, destacou a importância que as sociedades indígenas representaram para o exército brasileiro na luta contra os paraguaios, como soldados e conhecedores da região, tornando-se, assim, ótimos guias, responsáveis pelo abastecimento de alimentos para os soldados brasileiros, tanto nos acampamentos da região, quanto em suas próprias aldeias; essas também serviam como refúgios para os não índios, como, por exemplo Pirainha, aldeia Terena próxima à serra de Maracajú. (VARGAS, 2003, p. 51)

Os povos Terena e Kinikináo representam hoje muito mais do que a escultura da índia Terena instalada na Praça dos Estudantes, em uma rara iniciativa do poder público municipal em valorizar a sua história e mitigar os efeitos dos constantes ataques racistas. Quer sejam como habilidosos agricultores, habilidosos carpinteiros, cuidadosos artesãos, quer sejam como exímios conhecedores dos segredos das matas do cerrado e do pantanal, eles despontam com sua cultura e seus saberes e fazem Aquidauana possuidora de uma das maiores populações indígenas do Brasil, expressa na beleza dos traços e da cor de sua gente.

### ***Do rio a cidade surgiu, do rio ela se distanciou: Considerações finais***

Bem ali, na curva do rio,  
Onde o sol deslumbre o guardião da ponte,  
O novo milênio nos espreita,  
O pantanal acena e pergunta o que fizemos  
Que foi que fizemos?

Alda Maria do Couto - *Pôr do sol no Rio Aquidauana*

Utilizando da memória dos autores deste texto, ou das inúmeras obras existentes sobre Aquidauana, algumas aqui utilizadas, seria possível escrever ainda muitas páginas a respeito da morraria, do Pantanal, do calor, da riqueza da fauna e flora, resultante da intercessão dos biomas do cerrado e pantanal, ou sobre tantas outras coisas que marcam a paisagem aquidauanense. Bem como, fazer outras referências aos fazendeiros que assinaram a ata de fundação da cidade ou aos muitos dos que tiveram seus nomes destacados na história do lugar. Poder-se-ia discorrer sobre o aquidauanense governador e presidente da República, o aquidauanense prefeito da



capital, Campo Grande, o aquidauanense dono de luxuoso hotel na capital paulista, o aquidauanense ator e diretor global, dedicar mais algumas linhas sobre a aquidauanense campeã de vôlei de praia, o aquidauanense empresário ou o aquidauanense carroceiro, poderia enfim escrever de muitos da sua gente. Contudo, para descrever as belezas naturais de Aquidauana teria que, necessariamente, iniciar pelo formoso rio descrito por Taunay, do mesmo jeito que seria impossível falar dos ícones da sua história sem lembrar dos povos originários que por aqui já viviam, antes mesmo da chegada dos “argonautas” referidos por Joana Neves.

Aquidauana, semelhante a toda cidade brasileira, está impregnada de problemas estruturais e sociais. Necessitaria, portanto, muito espaço para descrever as ruas esburacadas, as falhas nos sistemas de atendimento à saúde e à assistência social, a falta de ciclovias, a falta de instrumentos que possibilitem a mobilidade urbana, a falta de perspectivas de trabalho para a juventude, a falta de moradia digna para uma parcela significativa da população, a falta de áreas de lazer, a falta de um projeto embelezador da cidade e tantas outras mazelas.

Enquanto acreano e paulistano de nascimentos, mas aquidauanenses de coração, nos juntamos ao compositor espanhol Juan Manoel Serrat, reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho humanista, afirmando que “*No hay nada más bello que lo que nunca he tenido nada más amado que lo que perdi*” (Trecho da música Lucia), para lembrar que só passamos a dar importância às coisas após perdê-las. Aquidauana se esqueceu do rio, porém, sem perdê-lo. É possível, no entanto, resgatá-lo naquilo que encantou Taunay e motivou os argonautas fundadores.

## Referências

- ACTA DA FUNDAÇÃO DE AQUIDAUANA, In, NEVES, Joana. Um porto para o Pantanal: a fundação de Aquidauana – civilização e dependência. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007 (ANEXOS).
- ALVES, Gilberto Luiz. *A trajetória histórica do grande comerciante dos portos em Corumbá (1857-1929). A propósito das determinações econômicas do Casario do Porto*. In: CORRÊA, Valmir Batista (Org.). **Casario do Porto de Corumbá. Patrimônio Histórico a ser preservado**. Campo Grande: Fundação de Cultura de MS/ Brasília: Gráfica do Senado, 1985.
- ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a História: 1870 – 1929 (Ensaio sobre a transição do domínio da casa comercial para hegemonia do capital financeiro)*. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, n 61, 1984.
- AYALA, S. Cardoso e SIMON, Feliciano. **Album Gráfico do Estado de Matto-Grosso**. Corumbá/Hamburgo, 1914.
- AZEVEDO, Fernando de. **Um trem corre para o oeste**. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.
- BARROS, Manoel. **Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no pantanal**. 4º ed. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. **Do extrativismo a pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 – 1930)**. Cuiabá: Genus, 1991.
- CABRAL, Silas; CABRAL, Cimara & ÂNGELO, Reginaldo. **Anastácio 38 anos**. Campo Grande: Gráfica Editora Alvorada, 2003.

Oliveira Neto, Antônio Firmino de. Martins, Carlos. *A cidade e o rio: Quase crônica sobre uma cidade pantaneira*. Revista Pantaneira, V. 17, UFMS, Aquidauana-MS, 2020.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. SP: Aleph, 2002, col. ABC do Turismo.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: o comércio e o Casario do Porto (1870-1920)*. In: CORRÊA, Valmir Batista (Org.). **Casario do Porto de Corumbá. Patrimônio Histórico a ser preservado**. Campo Grande: Fundação de Cultura de MS/ Brasília: Gráfica do Senado, 1985.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e Fronteira. O Sul de Mato Grosso (1870-1920)**. Campo Grande: Ed. UCDB, 1999.

ESSELIN, Paulo Marcos. *Santiago de Xerez; Primeiro núcleo populacional de Mato Grosso 1593-1632*. In: MARTINS JÚNIOR, Carlos; OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. (Org.). **Revelando Aquidauana**. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010, p. 15-42.

JÓA, Paulo. *Origem e evolução da cidade de Aquidauana*. **Revista Pantaneira. UFMS Campus de Aquidauana**. v.7 n.1, Aquidauana: UFMS/CEUA, 2005

MARTINS JUNIOR, Carlos. *Dois cidades uma história*. **Anais do IV Encontro Regional da ANPUH-MS**, 1998.

NANTES, Aglay Trindade. **Morro Azul: estórias pantaneiras**. Campo Grande: Rubens Aquino, 1993.

NEVES, Joana. **Um porto para o Pantanal: a fundação de Aquidauana – civilização e dependência**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de; CARVALHO, Thiago Rodrigues. *A importância da cidade de Aquidauana na sua região: elementos de uma centralidade*. In: MARTINS JÚNIOR, Carlos; OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. (Org.). **Revelando Aquidauana**. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010, p. 199-221.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino. *Como estudar os pantanais do Pantanal? (Prefácio)*. In: FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana; BUENO, Helen Paola Vieira; Beck, Marta Costa (Org.). **Pantanal: perspectivas históricas e culturais**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século XX**. Bauru: Edusc, 2004.

REYNALDO, Ney Iared. **Comércio e Navegação no Rio Paraguai (1870 – 1940)**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2004.

TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. Edição preparada por Sérgio Medeiros. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

TRINDADE, Jandira Mendes. **Meu lugar é Aqui**. Campo Grande: FCMS, 2008.

VARGAS, Icléia Albuquerque de; RIBEIRO, Mara Aline Santos; ARAÚJO, Ana Paula Correia. *O Trem da/na Memória: Patrimônio e Turismo em Aquidauana*. In: MARTINS JÚNIOR, Carlos; OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. (Org.). **Revelando Aquidauana**. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010, p. 233-145.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO TERENA (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção**. Dourados: UFMS. Dissertação de Mestrado. 2003.